

PRAGMÁTICA DAS PERGUNTAS COMO P, SE Q? E COMO NÃO P, SE Q?

1. Considere-se o Enunciado (EN) seguinte:

(1) Como vais para Paris?

Trata-se de uma pergunta parcial, em que o Locutor (Loc) solicita uma informação respeitante à identificação/saturação de uma variável — o ‘modo’/ ‘maneira’ de X (o sujeito do EN) realizar o estado de coisas referenciado na proposição (p) subjacente a esse mesmo EN interrogativo.

Tal pergunta parcial activa duas pressuposições, interligadas:

- (i) há um modo de realizar p;
- (ii) X vai para Paris.

Uma resposta adequada a (1) será, certamente:

(2) (Vou) de carro/de avião/de comboio/à boleia...

O EN (2) confirma as pressuposições activadas em (1) e especifica o ‘modo’ indagado de realizar p.

Os ENs (3) e (4) constituiriam *réplicas*, de natureza metalinguística/metacomunicativa, que invalidam a pressuposição (ii):

- (3) (Já) não vou.
- (4) Não sei se vou.

Por sua vez, o EN (5) invalidaria tanto a pressuposição (i) como a (ii):

(5) Não vou: o meu carro avariou/não consegui reserva/não consegui bilhete/não consegui boleia...

2. O EN (1) ilustra suficientemente o funcionamento de uma pergunta *como p?*

Na primeira parte deste estudo, pretendo analisar o funcionamento discursivo da pergunta *como p?* quando articulada a um segmento *q* de natureza assertiva, conduzindo ao formato *como p, se q?*. Na segunda parte (ver 7.), tentarei analisar o funcionamento discursivo de *como não p, se q?*.

Em qualquer dos casos, o segmento assertivo *q* — e este é um traço central do semantismo das perguntas em referência, fortemente operante na economia do seu funcionamento discursivo — captura um estado de coisas visto como *oponente* (em graus diversos e sob modalidades diferenciadas) à realização de *p*, nas perguntas *como p, se q?*, e à realização de $\neg p$ (= à não realização de *p*), nas perguntas *como não p, se q?*.

Convirá anotar que o segmento assertivo *q* se apresenta sob realizações formais variadas, de polaridade positiva ou negativa: pode realizar-se em EN pseudo-condicional (introduzido por *se/quando* — que tomarei como realização de referência ou standard), como EN gerundivo ou mesmo em sintagma preposicional (introduzido por *com/sem, em, perante, em face de*) ou ainda em sintagma adjectival ou adverbial. Estas realizações nominais, adjectivais ou adverbiais —importará retê-lo — serão aqui tomadas como provenientes do segmento *se q* e especificamente incorporadas no segmento *como p?/como não p?*, a que fica reduzida a pergunta do formato em análise. Nos exemplos que vou introduzir, constarão casos deste tipo de realizações do segmento *se q*.

3. Configurada no formato *como p, se q?*, a interrogativa *como p?* realiza um *complexo ilocutório* matizado.

Considerarei, agora, ENs, em que *p* apresenta uma orientação temporal presente-futuro, como o seguinte:

- (6) Como vais para Paris,
— (se/quando estás) tão doente?
— estando tão doente?
— com a falta de saúde que tens?
— no estado de saúde em que te encontras?
— se/quando não estás bem de saúde?
— sem saúde?

3.1. Importa realçar que o estado de coisas recortado em *q* é avançado como verdade adquirida, de cujo conhecimento partilham o Loc e o

Alocutário (Aloc). Tal verdade não é, assim, proposta ao Aloc (que, numa asserção não defectiva, seria suposto não saber q ou mesmo pensar o contrário: $-q$): ela é antes lembrada, evocada como consensual, sendo então que o conteúdo de q apenas obtém *relevância/informatividade* porque nele o Loc refere uma circunstância que contraria/tende a invalidar as pressuposições tipicamente activadas no segmento *como p?* (Ver acima 1.).

Interessa averiguar de onde provém esta força bloqueadora, que tende a contrariar/invalidar aquelas dimensões. Direi que ela é activada pelo conhecimento do mundo supostamente partilhado por Loc e Aloc, e, mais especificamente, pelas *expectativas de normalidade* que desse conhecimento do mundo decorrem ou a ele se vinculam. Neste quadro, p e q referem estados de coisas incompatíveis, sendo que as circunstâncias dadas em q como adquiridas só poderão operar no sentido de inviabilizar p .

Na dinâmica assim instaurada intervém igualmente um *princípio de razoabilidade/racionalidade* segundo o qual, e sempre num quadro de suposta normalidade, dadas as circunstâncias invocadas em q não haverá lugar para p : q é justamente invocado como elemento opositor à possibilidade de p .

À luz do que ficou registado, a realização de p constituiria uma *contra-expectativa*, compreendendo-se, assim, que no formato *como p*, se q ? que nos ocupa o segmento interrogativo carreie um matiz de *exclamação/espanto* (que será servido pela entoação que habitualmente lhe é conferida).

3.2. Numa perspectiva complementar (que privilegiarei) da que presidiu às considerações tecidas em 3.1., direi que o Loc joga o estado de coisas referido em q como *argumento* para infirmar/invalidar/anular p/a possibilidade de p .

Importa anotar que este valor argumentativo actualizado em q se apoia em/convoca uma *doxa/topos* que poderei enunciar na seguinte formulação: “Se/quando se está doente não se viaja” — ou, de preferência, numa formulação de tipo deontico, que exprime *interdição*: “Se/quando se está doente, não se deve viajar”. (Ter-se-á presente a elevação da negação em ‘não se deve viajar’ (= ‘deve-se não viajar’)).¹

¹ Deverei registar um topos vizinho: “Se/quando se está doente, não se vai para uma cidade como Paris”. Ter-se-á presente que este topos, como o anterior, activa representações articuladas a Paris tomadas como argumento para, nas circunstâncias invocadas no segmento introduzido por “Se/quando”, ‘não se ir para Paris’.

3.3. Neutralizada, na perspectiva do Loc, nos termos dos comentários antes tecidos, a possibilidade de p , o segmento *como p?* passa a solicitar não uma informação sobre o 'modo/'maneira' de realizar p , antes uma informação de *teor explicativo/justificativo* sobre o 'modo' como entende o sujeito de p remover a incompatibilidade, atrás assinalada, entre q e p . *Como p?* valerá, assim, como *pedido de justificação/explicação*.

3.4. Acontece, entretanto, que tal pedido de justificação/explicação se vê de imediato suplantado por uma dimensão que o anula: a própria interrogativa comporta a *expressão da recusa* do Loc a admitir uma justificação/explicação, instituindo como *impossível* que haja 'modo/'maneira' de conciliar q e p , ou, numa outra óptica, instituindo a *impossibilidade de p* ou a *inevitabilidade de -p*.

Conclui-se, assim, que a pergunta do tipo em análise é percorrida por uma clara e forte orientação negativa, isto é, por uma orientação para a negação de p contido no segmento *como p?*.

Convirá explicitar que esta orientação negativa radica na convicção do Loc — que também é *implicitada, dada a entender* — de que não está disponível nenhum argumento que possa revelar-se pertinente e anular/suplantar a pertinência e a força do argumento jogado em q para concluir *-p/a impossibilidade de p/a inevitabilidade de -p*.

3.5. No termo do percurso até agora realizado será legítimo condensar os aspectos já focados do seguinte modo: a pergunta em referência contém uma instrução do seguinte tipo

'Diz-me de que 'modo/'maneira' entendes possível p , sendo que eu entendo que, por força de q , e num quadro de normalidade/razoabilidade, não é possível p ou mesmo é inevitável $-p$; admira-me/espanta-me (por isso) que possas admitir a possibilidade de p '.

Não será necessário precisar que, com excepção do que respeita à instrução directiva (expressa em 'Diz-me de que 'modo/'maneira' entendes possível p '), todas as outras dimensões são activadas por *implicação pragmática*. Como se vê, é particularmente elevado o teor informativo-comunicativo contido nas perguntas em referência. De resto, e como se confirmará, não se esgota nos aspectos até agora focados esse complexo informativo-comunicativo.

3.6. A clara e forte orientação negativa presente e actuante na pergunta que nos vem ocupando poderá receber uma outra explicação.

Partirei da observação de que toda a pergunta contém a expressão de uma dúvida/incerteza.

Convirá lembrar que a expressão de uma dúvida/incerteza traz consigo uma orientação marcada para a negação: ao duvidar de que p , o Loc orienta-se para $-p$, e ao duvidar de $-p$, orienta-se para p ($= -(-p)$). Comprova-se isso mesmo nos seguintes ENs (em que * assinala encadeamentos inadequados/inaceitáveis):

(7) Duvido que o Zé venha.

- Não vamos esperá-lo ao aeroporto.
- Apesar disso/mesmo assim², vamos esperá-lo ao aeroporto.
- * Vamos esperá-lo ao aeroporto.

(8) Duvido que o Zé não venha.

- * Não vamos esperá-lo ao aeroporto.
- * Apesar disso/mesmo assim, vamos esperá-lo ao aeroporto.
- Vamos esperá-lo ao aeroporto.

Sendo assim, *como p?*, exprimindo a dúvida/incerteza, orienta-se para 'Não há nenhum modo de...'. Repare-se em que este pôr em dúvida activado por *como?* atinge a própria possibilidade de p , a que *como?* se articula em *como p?*.

Vemos, pois, que o Loc dá a entender que 'não há nenhum modo de p ', e, não o havendo, muito simplesmente 'não há possibilidade de p ' — daí se concluindo muito facilmente a 'inevitabilidade de $-p$ '.

Farei notar que as dimensões agora focadas não são senão aquelas que antes, por outra(s) via(s), havíamos já captado.

3.7. A generalidade das anotações feitas conduz a reconhecer na pergunta em análise um largo valor retórico.

Na verdade, ela corresponde amplamente a uma asserção de polaridade inversa à da asserção que lhe subjaz e em que a variável para que aponta *como?* se transfigura no correspondente universal negativo — *nenhum*, aplicado a 'modo' — a que já antes chegámos.

² Tenha-se presente a natureza concessiva destas expressões.

Por outro lado, e como toda a pergunta retórica positiva, a interrogativa em análise apoia-se na evidência de que *-p*, a tomar como resposta que ela própria fornece a si mesma. Atente-se em que esta evidência se fundamenta justamente na acima invocada *doxa/topos* e, necessariamente, também na suposição de normalidade agregada/desprendida do conhecimento do mundo. Atente-se ainda em que tal pergunta, como certas perguntas retóricas positivas, obtém um valor comunicativo de *prescrição negativa*³. Ora, este valor prescritivo negativo não é outro senão o que acima foi referenciado como dimensão deontica, com valor de *interdição*, que inscrevi na *doxa/topos* activada pela interrogativa em apreciação (Ver 3.2.).

3.8. O matizado *complexo ilocutório* que se contém, como tenho vindo a referenciar, na interrogativa que nos ocupa não se esgota, porém, nas dimensões já averbadas.

Facilmente se reconhece também em tal interrogativa uma dimensão de *censura* dirigida ao sujeito de *p*.

Essa censura/reprovação tem como pólo de aplicação o próprio facto de o sujeito de *p* admitir como possível a realização de *p*. Repare-se, a este propósito, em que a interrogativa que estou a analisar apresenta, ao nível de *p*, uma orientação temporal presente-futuro, pelo que aí se desenha uma virtualidade, não uma situação consumada. Justamente, a formulação que acabei de dar na identificação do pólo de aplicação da censura — o facto de o sujeito de *p* admitir a possibilidade de realizar *p* — salvaguarda, como se pode verificar, a factividade ligada ao objecto de um acto ilocutório de censura.

3.9. Acontece ainda que este acto de censura promove a derivação de um outro valor ilocutório. É que a censura aplicada a uma situação ainda não consumada (como vimos tratar-se no caso em apreciação) activa um *acto directivo não impositivo* (*recomendação, conselho, sugestão...*), actualizado no sentido de que se evite o que se afigura como reprovável.⁴

3 Ver BORILLO, A. — *Quelques aspects de la question rhétorique en français*, «DRLAV», n.º 25, 1981.

4 Para uma análise deste tipo de derivação, ver FONSECA, J. — «Elogio do sucesso»: a força da palavra / o poder do discurso, in Fonseca, J. — *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa, ICALP, 1992. Para a análise de uma realização típica em português do acto de censura, ver FONSECA, J. — *Pragmática dos enunciados vazados nas sequências 'p!' e 'q' e 'p!' ou 'q'!*, in FONSECA, J. — *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, (Coleção Linguística/Porto Editora), Porto, Porto Editora, 1993. Anoto que a pergunta em referência comporta ainda uma outra dimensão directiva, que será apresentada mais abaixo, em 3.11.5.

À luz do que venho desenvolvendo, sabemos já o que se apresenta aqui como reprovável e sabemos já também a sentido para que se orienta o directivo. Importa, no entanto, salientar que neste directivo se faz ouvir a voz do bom senso/do senso comum, que luta contra a contra-expectativa já referenciada em ordem a impedir o desfazer de uma expectativa de normalidade. Precisamente, tal voz do bom senso/do senso comum, que o Loc assume, não é outra senão a voz da *doxa/topos* que já vimos ser activada e a que dei a formulação deôntica 'Não deves *p*' (Ver 3.2.).

3.10. A consideração de respostas ou de réplicas aceitáveis/inaceitáveis a uma pergunta do formato em referência permitirá comprovar os aspectos do seu funcionamento discursivo que venho pondo em relevo.

Retomo, então, o EN de partida — EN (6) — e arrolo em R alguns ENs que lhe dão ou não sequência aceitável:

(6) Como vais para Paris, se estás tão doente?

R (i) — *(Vou) de carro/de avião/à boleia...

(ii) — Ao contrário do que dás a entender, não há nenhuma incompatibilidade entre estar doente e ir para Paris/não há nenhum mal/inconveniente em ir para Paris estando doente.

(iii) — Por que é que não hei-de ir para Paris, mesmo estando doente?/Por que é que não se há-de viajar quando/se se está doente?

(iv) — Tens razão, seria uma tolice: é melhor não ir.

(v) — Já estou melhor/a viagem é rápida e cómoda.

(vi) — Como a tua pergunta sugere, já sei que não te agrada que eu vá/achas que não devo ir, mas vou.

De todas as sequências apresentadas só (i) é inaceitável — e já sabemos porque o é. Em todas as restantes são visíveis dimensões que foram suficientemente caracterizadas antes: respostas justificativas/explicativas; respostas que envolvem a explicitação das diversas dimensões implicitadas na pergunta; respostas que se aplicam directa ou indirectamente sobre a *doxa/topos* — problematizando-a, aceitando-a ou rejeitando-a.

Convirá acrescentar às respostas ou réplicas arroladas esta outra:

(vii) — Justamente porque estou doente é que vou.

Em (vii) realiza-se claramente uma *inversão argumentativa*, activada por “justamente”. Esta inversão argumentativa — de que “justamente” é específico operador — envolve a rejeição do *topos* activado pelo Loc que enuncia a pergunta e a activação de um outro que radica em representações diversas que o produtor da resposta agrega a Paris — neste caso, representações que favorecem/justificam ‘ir para Paris’.

3.11. Em complemento da análise desenvolvida nos números anteriores, julgo conveniente juntar ainda algumas observações.

3.11.1. O segmento *q* pode remeter para dados contextuais, tomados como disponíveis:

(9) Como vais para Paris com um tempo *destes/se* está um tempo *assim*?

Por outro lado, o carácter de verdade consensual que, como acima, em 2., ficou devidamente apontado, marca o segmento *se q* é correntemente explicitado/reforçado através da expressão “*é certo*” que nele se insere com naturalidade:

(6’) Como vais para Paris, *se é certo* que estás tão doente?

3.11.2. O segmento *como p?* recebe com naturalidade o modal *poder*. Tal se articula muito claramente com os aspectos, focados em 3.2 e 3.4, que têm a ver com a implicitação pela pergunta da “não possibilidade” de *p* / “impossibilidade” de *p* / “inevitabilidade” de *-p*. Veja-se:

(10) Como *podes* ir para Paris, se estás tão doente?

Observarei que esta orientação para a “impossibilidade” de *p* é não raro tornada manifesta por resposta/comentário do próprio Loc:

(11) Como *podes* ir para Paris, se estás tão doente? - *Não é possível! é impossível!*

3.11.4. Verifica-se com naturalidade uma deriva do valor de admiração/espanto, anotado em 3.1., para o de *indignação*. Tal valor está directamente relacionado com um reforço do valor de censura, também acima registado (Ver 3.8.). Estes valores actualizam-se muito regularmente quando estão envolvidos estados de coisas avaliados de modo particularmente negativo. Nestes casos, tem também correntemente lugar a deriva da dimensão de “impossibilidade” de *p* para a da “inadmissibilidade” de *p*:

- (12) Como vais fazer isso, se vais prejudicar Y? — *É inadmissível!*

3.11.5. Em 3.7., foi devidamente considerada a retoricidade da pergunta que venho analisando.

Interessa-me retomar esse ponto e avançar que as perguntas retóricas positivas com o formato *como p?* poderão ser tomadas como uma redução de uma pergunta do formato *como p, se q?* por específica incorporação do segmento *se q* no segmento *como p?*. Recordo que em 2. assinalei já esta mesma redução/incorporação de *se q* que conduz à realização desse segmento como sintagma preposicional, adjectival ou adverbial. De resto, tal já vem sendo ilustrado nos exemplos propostos. Veja-se a equivalência entre (13) e (13'):

- (13) Como podes ir para Paris tão doente/com tão mau tempo?
(13') Como podes ir para Paris, se estás tão doente/se está tão mau tempo?

Tomem-se estes outros exemplos:

- (14) Como podes comportar-te assim tão mal?
(14') Como podes comportar-te desse modo/assim, se tal comportamento é (reconhecidamente) tão mau?

(15) Como ficar calado perante tais insinuações?
(15') Como ficar calado, se X está a insinuar/insinuou Y?

(16) Como ficar indiferente a tais perigos?
(16') Como ficar indiferente, se há/se estamos perante tais perigos?

Creio bem haver bom fundamento para este novo tipo de explicação/descrição das perguntas retóricas positivas (o mesmo me parecendo pertinente, com se verá adiante, em relação às perguntas retóricas negativas — ver 7.3.).

Importa a este respeito observar que as informações correspondentes a *se q* podem estar presentes no cotexto. Veja-se, por exemplo, em relação a (16)/(16'):

- (16'') Estamos perante inúmeros perigos. Como ficar indiferente?

Sendo assim — e gostaria de o salientar — haverá que ver na generalidade das perguntas retóricas (e não apenas naquelas que venho considerando) a presença, explícita ou implícita, no contexto ou no cotexto, de uma informação que, contrariando, nos termos apontados, *p* (ou *-p*, nas retóricas negativas), opera como elemento activador da retoricidade. Nestas circunstâncias, há que procurar a activação da retoricidade das perguntas que a comportam não na configuração própria dessas perguntas, antes no contexto/cotexto, mais rigorosamente, como assinalei, numa informação aí disponível que corresponda à que preenche um segmento de índole similar a *se q*. Apresso-me, no entanto, a acrescentar que importa salvaguardar os casos — na verdade, não muito numerosos — em que é a própria configuração da pergunta que responde pela retoricidade.⁵

3.11.6. Quero ainda registar que um outro valor ilocutório se acrescenta às dimensões comunicativas já anotadas. Trata-se de um *directivo* (do tipo de *recomendação*, que poderá adquirir um matiz de desafio) que procura induzir o sujeito de *p* a remover o estado de coisas (se ele for controlável...) que em *q* contraria a realização de *p*. Bastará reparar nos seguintes exemplos, em que explicito esta dimensão com (!):

(17) Como vais para Paris, se estás tão doente? — (!) Cura-te/põe-te bom (primeiro).

(18) Como podes viver uma paixão, se tens medo? — (!) Deixa de ter medo/perde o medo.

Devo acrescentar que esta dimensão se junta virtualmente ao directivo já acima referenciado em 3.9.

4. Encaremos agora os casos em que o estado de coisas referido em *p* do segmento *como p?* da interrogativa do formato *como p, se q?* se consumou, se realizou. Tomemos, então, os ENs seguintes:

(19) Como foste para Paris, se estás/estavas tão doente?

(20) Como me trataste tao mal, se sempre fui tão correcto contigo?

Os comentários contidos nos números anteriores permitem-me ser breve.

⁵ Ver casos estudados em BORILLO, A. — *Ob. cit.*, e em DILLER, A-M. — *La pragmatique des questions et des réponses*, Tübingen, 1984.

4.1. Verifica-se também aqui que, para o Loc, *q* faria esperar/é argumento para *-p*. Como, porém, *p* representa um estado de coisas realizado, em contraposição com o que seria de esperar por força de *q*, a interrogativa actualiza um *pedido de explicação/justificação*, dando a entender a fragilidade dessa explicação/justificação ou mesmo que ela é impossível, que não haverá explicação/justificação aceitável. Esta ligação à dimensão de “possível”/“impossível” permite compreender que estas perguntas recebam também com naturalidade o modal *poder* (Ver, acima, 3.11.2.):

(21) Como *pudeste* tratar-me tão mal, tendo eu sido sempre tão correcto contigo?

Daí que o valor comunicativo agregado a estes ENs seja, por derivação ilocutória, o de *censura* (passando também por um matiz de *admiração/espanto*), apoiada numa contra-expectativa irremediável, que representa uma fuga ao legitimamente esperável na base do que é invocado em *q* e do bom senso/senso comum.

Reparar-se-á em que, por força da consumação de *p*, a dimensão jussiva, de tipo deontico, que vimos agregar-se à *doxa/topos* convocada (Ver 3.2.), deriva justamente para este valor de censura, porque está bloqueada a orientação presente-futuro típica de toda a instrução directiva. Veja-se que é precisamente o que se passa em ENs do tipo de (23) em contraste com o que se recorta em (22):

(22) Deves vir visitar-me (directivo).

(23) Devias ter vindo visitar-me (censura).

Nestas circunstâncias, a *doxa/topos* convocada — com a qual converge afinal aquela voz do bom senso/senso comum — toma uma ‘forma tópica’ adaptada, como será a seguinte, para (19): “Não devias ter viajado/ter ido para Paris, estando tão doente”.

Repare-se ainda em que o próprio Loc pode avançar explicitamente a expressão de um julgamento negativo, que está regularmente presente numa censura. Esse comentário negativo é, assim, regularmente *implicitado* pela pergunta em análise. Veja-se:

(24) Como foste para Paris, estando tão doente? Fizeste mal/não o devias ter feito.

4.2. Resta observar que a censura não dá aqui ocasião à derivação de um directivo não impositivo.

Tal se vincula, como é bom de ver, à verificação de que em *p* está configurada, como já ficou registado, uma situação consumada, que bloqueia, como também já anotei, a derivação de um directivo.

Convirá, no entanto, reparar em que, mesmo assim, resta alguma disponibilidade para essa dimensão directiva. Na verdade, o Loc faz passar uma recomendação no sentido de que no futuro haverá que evitar/será desejável que se evitem aquelas situações reprováveis. Tal se formulará, em relação aos ENs que venho comentando, do seguinte modo: “Não deves mais/voltar a ir para Paris se estiveres doente”, “Não deves mais/voltar a tratar-me mal...”.

Não deixarei de anotar que em casos, como o ilustrado no EN (21), em que a *face positiva* do Loc foi afectada pela consumação de *p*, a pergunta veicula ainda, também de modo indirecto, um outro valor ilocutório de matiz directo não impositivo — o de *pedido de reparação*. A *reparação* assim solicitada viria repor o equilíbrio nas relações interpessoais.

5.1. Os ENs seguintes ilustram outros valores comunicativos que a interrogativa do formato *como p, se q?* está apta a realizar. Vejamos:

- (25) Como afirmas/podes afirmar/afirmaste/pudeste afirmar isso, se não conheces o assunto?
- (26) Como perguntas isso, se já sabes?/se eu não sei?/se não é oportuno?
- (27) Como me vens dizer isso, se eu já sei?
- (28) Como me pedes isso, se sabes que eu não posso/não quero fazê-lo?
- (29) Como me ordenas isso, se sabes que não é possível fazê-lo?/se não tens legitimidade para o fazer?
- (30) Como me elogias, se não aprecias o que eu fiz?/se eu não fiz nada de especial?
- (31) Como me prometes isso, se não podes cumprir?

Estes ENs têm a particularidade de se referirem a actividades ilocutórias: em *p*, há referência a um acto (já realizado ou ainda a realizar); em *q*, há referência a condições de um exercício adequado desse mesmo acto.

Também aqui as circunstâncias referenciadas em *q* contrariam *p* — sendo agora que este carácter opositor de *q* em relação a *p* repeteia à

adequação do acto realizado ou referenciado nesse segmento. Mais especificamente, *q* problematiza a adequação dessa acto, ou melhor, *asserta a inadequação do acto referenciado em p*. Trata-se visivelmente de um comentário metalinguístico/metacomunicativo que estabelece que não estão preenchidas as condições de boa realização do acto.

Do que acabei de anotar decorre a derivação de um acto de *censura*, que opera por vias similares às já anteriormente consideradas, mas também, e mais directamente, pela inadequação de que se reveste, na perspectiva do Loc, o exercício de tal actividade ilocutória.

É claro que, também por vias similares às já referenciadas antes, este acto de censura activa um directivo não impositivo — *recomendação, sugestão...* — no sentido de que o sujeito de *p* respeite os princípios que suportam o exercício linguístico ou, numa outra perspectiva, de que se abstenha desse exercício se/quando as condições de adequação não estão preenchidas.

Observarei ainda que o segmento *q* das perguntas em referência deve ser visto como argumento/justificação jogado pelo Loc para não aceitar ou pelo menos para criticar o acto configurado em *p*.

5.2. As perguntas analisadas em 5.1. referem-se, como se anotou, à actividade ilocutória.

Functionam, no entanto, de modo similar ENs em que se faça, em *p*, referência a toda e qualquer actividade, e, em *q*, referência a uma vasta gama de condições tidas, ainda que em diversos graus, como oponentes da boa condução ou execução, da oportunidade, da relevância, da legitimidade... ou mesmo da possibilidade do exercício dessa mesma actividade. Tomem-se os ENs seguintes:

(32) Como cozinhar/como posso/devo cozinhar,

- se não há luz/gás...?
- se não é a hora da refeição?
- se ninguém quer comer?
- se não sei?

(33) Como dançar/posso/devo dançar,

- se não sei?
- se não gosto da música/deste ritmo?
- se ninguém está a dançar?
- se não se ouve a música?
- se não tenho par?

Como nos casos anteriormente analisados, *q* estabelece um argumento/justificação para *-p*, estabelece a impossibilidade de *p*/a inevitabilidade de *-p*, que o Loc assume. Em suma, nas condições invocadas em *q*, *p* é tomado como uma contra-expectativa, vista como inaceitável por constituir um contra-senso.

5.2.1. As perguntas consideradas em 5.2. são tipicamente usadas como *répliques* a uma intervenção anterior de um outro Loc — intervenção essa que realizaria, directa ou indirectamente, um acto directivo. Os ENs seguintes poderão exemplificar uma tal intervenção, a que (32) daria 'resposta':

- (34) Prepara a refeição!
- (35) São horas de jantar...
- (36) Já devias ter começado a cozinhar...
- (37) Por que é que ainda não começaste a cozinhar?

Neste quadro, a *réplica* visaria anular o directivo (ou a sua pertinência, oportunidade, legitimidade...), fornecendo ao mesmo tempo uma justificação/explicação, que envolve como argumento decisivo o estado de coisas recortado em *q*.

5.3. Sobre a retoricidade das perguntas comentadas em 5.1. e 5.2. convirá ter presente o considerado em 3.7. e em 3.11.5.

Interessa-me, entretanto, retomar explicitamente a hipótese avançada neste último número. Escrevi aí que perguntas retóricas positivas poderão ser vistas como resultando de uma redução de *como p, se q?* por incorporação em *como p?* do conteúdo específico de *q*.

Tal encontra aqui inequívoca confirmação. Para o comprovarmos, bastará atentar na equivalência entre (32), que retomo de modo abreviado, e (38):

- (32') Como posso cozinhar, se não sei/se não há luz...?
- (38) Como posso cozinhar sem saber/sem luz?

6. Considerem-se agora estes outros ENs:

- (39) Como te preparas/preparaste para o exame,
 - se tens/tiveste tão pouco tempo?
 - em/com tão pouco tempo?
- (40) Como deixaste de fumar, se E tão difícil/se és tão fraco de vontade/tão indeciso?

Cumprem-se também nestas perguntas os traços básicos já amplamente analisados. Apresentam, entretanto, algumas dimensões específicas.

Actua aqui de modo decisivo uma avaliação positiva do estado de coisas referido em *p*. Carreando embora um *pedido de explicação*, estas perguntas não implicam uma orientação para *-p*/para a impossibilidade de *p*/para a inevitabilidade de *-p* (que estaria, de resto, bloqueada quando *p* refere um estado de coisas consumado); implicam antes um comentário avaliativo positivo, dando a entender a dificuldade de obter *p* — obtenção que há que atribuir à intervenção de um factor decisivo que anule *q*. Este factor é, assim, indagado e logo é qualificado, também por *implicação pragmática*, como “extraordinário” o ‘modo’ como se obtém *p*. Por outro lado, tal factor é admitido como argumentativamente mais forte para *p* do que é o argumento invocado em *q* para *-p*. Implicita-se, assim, também o *mérito* do sujeito de *p*, que é visto como agente dotado de qualidades que proporcionam o acesso a *p* situadas acima de uma média pertinente.

Compreende-se, assim, que estas perguntas contenham uma nítida orientação para a expressão de uma *admiração* tanto pela ocorrência de *p* como pelo agente. Compreende-se também que estas perguntas contenham igualmente um *elogio* a esse agente.

Na base destas considerações, e das anteriormente desenvolvidas, não precisarei de comentar respostas típicas a (39) e (40) como as seguintes:

(41) — (Como a tua pergunta sugere), com muito esforço.

(42) — (Ao contrário do que sugeres), de um modo muito simples...

A resposta (42), que é mais exactamente uma *réplica*, suscita um comentário particular: ela contraria a orientação básica da pergunta. Haverá que tomar este facto à luz do funcionamento do acto de *elogio* ou, mais rigorosamente, das reacções típicas ao *elogio*: em (42), o Loc utiliza uma estratégia de *minimização do mérito*, no quadro de um *princípio conversacional de modéstia*.

7. E tempo de passar à análise das perguntas do formato *como não p, se q?*

Serei muito breve, pois apenas será necessário transferir para aqui, com adaptações suscitadas pela polaridade negativa de *p*, as considerações desenvolvidas nos números anteriores.

7.1. Tomemos como exemplos os ENs seguintes:

(43) Como não és feliz, se tudo te corre bem?

(44) Como não és feliz, se tens um marido exemplar?

Uma formulação simétrica da que, em 3.5., utilizei para condensar dimensões informativas-comunicativas básicas comportadas na pergunta *como p*, se *q*? valerá plenamente para a pergunta *como não p*, se *q*?

Direi, assim, que esta pergunta contém uma instrução do seguinte tipo:

“Diz-me de que ‘modo’/‘maneira’ entendes possível *-p*, sendo que eu entendo que, por força de *q*, e num quadro de normalidade/razoabilidade, não é possível *-p* ou mesmo é inevitável *p*; admira-me/espanta-me (por isso) que possas admitir a possibilidade de *-p*”.

Tal formulação evidencia o matizado valor informativo-comunicativo da pergunta *como não p*, se *q*? — valor esse quase por inteiro construído por *implicação pragmática*.

Escusado será dizer que tal implicação pragmática se deve à activação de princípios similares aos que atrás analisei para a pergunta *como p*, se *q*?

7.2. Sabemos que o que se assera na pseudo-condicional *se q* é *oponente a -p*. Conviria aqui dar uma outra formulação, embora equivalente: *se q* é assertado como estado de coisas *adjuvante de p*.

Esta nova formulação permitirá o ganho descritivo-explicativo seguinte: *q* adquirirá o estatuto já não meramente de argumento *inviabilizador de -p*, antes, pela positiva, o de *argumento viabilizador de p*.

Talvez por esta via se chegue mais directamente e, como disse, pela positiva, à dimensão de “inevitabilidade de *p*”, de recusa da existência de uma explicação/justificação para *-p* e à de espanto e censura por o sujeito de *-p* (poder) admitir a possibilidade de *-p* — dimensões que a pergunta em análise carrega.

Paralelamente, decorre daquela formulação pela positiva o mais fácil entendimento de que a pergunta *como não p*, se *q*? activa também uma dimensão jussiva, deontica, positiva, que traduzirei, de modo forte, por “*Tens de p*”, de preferência a um simples “*deves p*”. Por esta mesma via também se revela mais fácil a compreensão de que a mesma pergunta comporta ainda um *incitamento* dirigido ao sujeito de *-p* a que *p*.

Interessa observar que as dimensões que acabei de registar só se actualizam quando *-p* aponta para um estado de coisas com orientação temporal presente-futuro. Se essa orientação for antes a de passado, esses valores estão, como já sabemos, bloqueados, derivando-se, então, como dominante um valor de *censura*. Veja-se:

(45) Como não foste/pudeste não ir para a praia, se está/estava tão bom tempo?

7.3. A retoricidade das perguntas *como não p, se q?* torna-se particularmente evidente.

Observarei que mesmo a pergunta *como não p?* se apresenta muito regularmente como retórica.

Quero sustentar que mais do que na estrutura própria —interrogativa — da pergunta esta retoricidade marcada radica na presença, explícita ou implícita, no contexto/cotexto, de uma informação correspondente a *se q*. Não será a este propósito necessário mais do que remeter para as considerações que teçi em 3.11.5. a respeito da retoricidade da pergunta do formato *como p, se q?* (ou, como aí advoguei, da generalidade das perguntas retóricas, com as poucas excepções também aí referenciadas.).

É claro que a redução de *como não p, se q?* a *como não p?* (por específica incorporação de *se q* em *como não p?* ou dada a presença no cotexto de informação correspondente) opera aqui da mesma forma por que vimos projectar-se na pergunta *como p, se q?*.⁶

Para ilustração, serão suficientes os seguintes exemplos:

- (46) Como não vives/não viver bem, se ganhas bem?
(46') Como não vives/não viver bem com o (muito) que ganhas?
(46'') Ganhas bem. Como não vives/não viver bem?
- (47) Como não és/como não ser feliz, se estás assim apaixonado?
(47') Como não és/não ser feliz com uma paixão assim?
(47'') Estás (muito) apaixonado. Como não és/não ser feliz?

Porto, Outubro de 1993

Joaquim Fonseca

⁶ No primeiro dos meus estudos citados na nota 4, propus uma análise de uma pergunta *como não p?* num quadro convergente com o que agora fica plenamente recortado.